

Por uma aposta na coletividade, apesar de tudo **For commitment to the collective, in spite of all**

Gabriela Machado Ramos de Almeida¹ 

Angelita Bogado² 

O segundo volume do dossiê *Produção, circulação e consumo de imagens produzidas em coletividade e a fabulação do comum* reúne artigos que discutem, a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, as articulações entre experiência estética, formas de coletividade e disputas políticas nos campos das culturas visual e audiovisual contemporâneas. Os cinco trabalhos aqui apresentados refletem sobre como as imagens — em suas dimensões informativas, performativas, fabulatórias e expositivas — mobilizam regimes de sensibilidade e produção de sentido que desafiam categorias consolidadas de espetatorialidade, representação e recepção.

Diversos em suas abordagens e objetos, os artigos compartilham uma preocupação comum: investigar as formas pelas quais a experiência estética e a produção audiovisual contemporânea articulam dimensões coletivas, políticas e sensíveis. As análises propostas partem de perspectivas como a fenomenologia, a semiótica, os estudos decoloniais, os estudos visuais críticos e a teoria da performance para tensionar os modos de ver, narrar e agir em contextos marcados por disputas simbólicas e sociais.

¹Escola Superior de Propaganda e Marketing – São Paulo (SP), Brasil.

²Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Cachoeira (BA), Brasil.

No texto de abertura do dossiê, intitulado *Assistir a um filme com outros: rumo a uma teoria do espectador coletivo*, Julian Hanich propõe uma abordagem original aos estudos de espetatorialidade. Com base em um diálogo entre filosofia, fenomenologia e teoria do cinema, o autor avança em direção a uma teoria da espetatorialidade coletiva que recoloca em pauta o papel ativo do espectador em situações de fruição outrora tomadas como passivas, valorizando a dimensão coletiva da experiência do cinema. Tal perspectiva oferece elementos para pensarmos, por exemplo, em contrapontos possíveis à tendência de individualização do consumo audiovisual em função do crescimento do streaming, ao considerar a experiência cinematográfica como ação conjunta e sugerir que o ato de assistir a um filme em silêncio, no espaço coletivo da sala de cinema, pode ser concebido como uma prática intencionalmente compartilhada.

Na sequência, o artigo *A criação artística colaborativa “Bordar-Lands: las cartas son el tejido”*, do *Colectivo Ayllu*, de Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa, Patrícia de Oliveira Iuva e Fabio Sadao Nagawaka se debruça sobre a obra *“Bordar-Lands: las cartas son el tejido”*, apresentada na 35ª Bienal de São Paulo, investigando os modos de inscrição visual, corporal e simbólica que constituem sua materialidade estética e política. Por meio da análise da gestualidade e da performance inscritas no painel-tecido, as autoras e o autor articulam contribuições da semiótica e dos estudos decoloniais, apontando para a resignificação de símbolos culturais por sujeitos racializados e dissidentes em oposição à lógica colonial.

Em *O corpo ontológico e coletivo do ator em Sete anos em Maio*, terceiro artigo do dossiê, os autores Eduardo Bordinhon de Moraes e Pedro Guimarães discutem o jogo atoral em produções brasileiras da década de 2010, com foco na presença de atores não profissionais. O trabalho examina como o entrelaçamento entre ator e personagem, aliado a recursos épicos e alegóricos, opera uma crítica social e uma fabulação coletiva que desafia os limites entre real e ficção na produção nacional contemporânea, revelando como, a partir desses dispositivos, os filmes trabalham questões de raça, classe e gênero.

Ainda no terreno do cinema, Luiz Fernando Wlian e Laan Mendes de Barros analisam, no artigo *Corpos quebrados elogiam o indiscernível: experiências estéticas dissidentes no audiovisual contemporâneo*, obras audiovisuais de coletivos queer brasileiros contemporâneos, com ênfase em suas proposições estéticas frente às transformações do capitalismo atual, sobretudo em suas dimensões tecnológicas e sensoriais. O texto propõe o conceito de “elogio ao indiscernível” como chave de leitura para compreender como tais obras borram fronteiras entre forma e conteúdo, identidade e diferença, instaurando zonas de experimentação e resistência.

Encerra o dossiê o artigo *Sobre as imagens cruéis: iconicidade dos massacres no campo*, de João Damasio da Silva Neto, que aborda a página *Massacres no Campo*, abrigada no site da Comissão Pastoral da Terra. Partindo dos estudos visuais críticos e de um debate sobre midiaticização dos conflitos agrários, a análise explora a iconicidade das imagens e sua capacidade de construir regimes de visibilidade que desestabilizam os silenciamentos históricos em torno da violência no campo brasileiro. No texto, o autor mobiliza os conceitos de catástrofes cotidianas e atordoamento, evidenciando a tensão entre invisibilidade e testemunho nos registros de violência no campo brasileiro.

Esse dossiê, publicado em dois volumes na revista *Comunicação, Mídia e Consumo*, integra o conjunto de ações previstas no projeto *Corpos da cenalem cena: imagens estético-políticas realizadas em coletividade no Recôncavo da Bahia e na Grande São Paulo*, contemplado no edital Universal do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021), com equipe formada por professores e estudantes dos Programas de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (PPGCOM ESPM) e em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (PPGCOM UFRB).

Ao reunir estes artigos, apostamos na possibilidade de que o dossiê contribua para reforçar um chamamento à ação coletiva por meio da valorização de pesquisas que colocam experiências coletivas e comunitárias no centro do debate. Ainda que não tenha sido o foco da chamada pensar

os impactos éticos, estéticos e biopolíticos da plataformização da vida e dos avanços autocráticos promovidos pela racionalidade ultraliberal nos campos da política e da comunicação e informação, o dossiê se apresenta como tentativa de linha de fuga ao interrogar o que pode a experiência estética frente aos desafios colocados nesse momento histórico. Convidamos à leitura desse conjunto de reflexões sobre os modos como as imagens e os sons — em suas múltiplas formas expressivas e em seus distintos modos de produção, circulação e consumo — podem operar como campo de disputa simbólica e de reinscrição política da experiência.